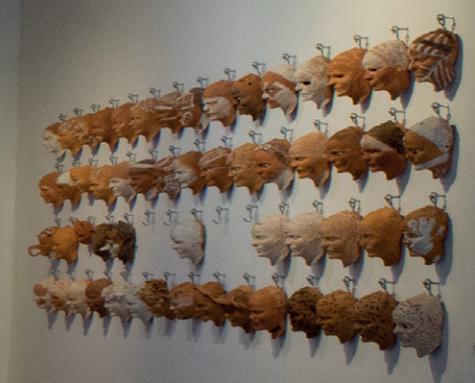




# MINHA CABEÇA, NOSSA NATUREZA

Catálogo da Exposição  
"Minha Cabeça, Nossa Natureza"  
de Christina Machado  
Usina Cultural Energisa | João Pessoa | PB  
Janeiro de 2023





## ÁGUA, FOGO, TERRA, AR: CHRISTINA MACHADO REVISITANDO MINHA CABEÇA, NOSSA NATUREZA

*Por Joana D'Arc*

**Christina Machado** é uma artista nascida em Belém/PA, criada em Recife/PE e habitante da Terra. Aliás, terra em todos os sentidos. Uma artista que ao longo de sua trajetória artística adotou o barro, a argila, a terra como uma matéria orgânica que se expande para seu corpo, para sua intimidade e sua vida, dela, têm provocado situações de criações e experimentações sensoriais que mobiliza pessoas em seus mais variados lugares sociais, tornando-as participantes de parte de suas obras.

A matéria barro é sinônimo de pele cerâmica pele orgânica, título da série de trabalhos bidimensionais que marcou sua pesquisa no campo das artes na cidade de Recife, diferenciando-a dos demais criadores (as) que utilizavam o barro como matéria orgânica para a construção de objetos, esculturas e cerâmicas utilitárias, entre esses, citamos o artista Francisco Brennand. Ou seja, Christina Machado envereda por outras trilhas criativas com o barro produzindo outras experimentações e delas os resultados visuais podem ser materializados em linguagens diversas: da pintura para o objeto; do objeto para o vídeo-performance e videoarte, por exemplo. Não há limites, há transbordamentos. Christina Machado tem como foco de sua produção a "natureza humana".

Nesse contexto chega ao Hospital Ulisses Pernambucano (Tamarineira, Recife - PE), por meio de um convite da Semana de Artes Plásticas do Recife - SPA das Artes em 2005, desde então, começa um enamoramento por meio de inúmeras vivências com pessoas com sofrimento psíquico desta unidade institucional. Nesse processo tem como aliada a argila. **Minha Cabeça, Nossa Natureza**, título da exposição que ora apresentamos aqui na cidade de João Pessoa - PB, faz parte dessa pesquisa que a artista desenvolveu com o barro e de sua inquietação que envolve tornar o outro (a) participante do processo criativo. De 2005 a 2013 trabalhou em um ateliê de experimentação com a argila, aberto e livre, dentro do hospital. Parte dessa experiência foi exibida em exposição na Galeria Janete Costa, Recife - PE (2012).

Seu interesse em trabalhar com esse público resultou também em um convite para participar de uma ação artística na cidade de Paracambi (RJ), durante o Projeto Cinema na Praça a convite do artista Lula Wanderley e da pesquisadora e psicanalista herdeira dos objetos relacionais de Lygia Clark, Gina Ferreira. Esse evento ocorria em torno do dia nacional da luta antimanicomial, dezoito de maio, nessa cidade que havia fechado e nasceu a série **Estância, sua Casa** - 40 máscaras em argila, 2011. Chris entrega ao participante de sua proposta um modelo de barro de seu próprio rosto para ser transformado. Quando colocados entre ela e o outro, o rosto e a maleabilidade passam a trazer em si a metáfora de uma questão central da vida contemporânea: a identidade (Gina Ferreira e Lula Wanderley).

Entre 2012 a 2022 o conjunto que integrou a exposição em Recife ficou guardado em seu ateliê, sendo aberto caixa a caixa em 2022 para a preparação dessa nova exposição. Revisitar, revirar, reviver, rememorar cada objeto – cada vida e cada existência que esteve com a artista em situação de criação no ateliê aberto -, foi um dispositivo que recriou a representação daquelas existências nesse presente. A série **Matéria e Materialização I e II**, reorganizada agora apresenta a vida de Luiz, Rilda, Adriano, Cristina, Eveli, Luciene, Luzia, Idenilza, João, Helena, Tacila, Thiago, Genilda, Ednaldo, Angélica, Fátima, Ana, Francisco, Eliane, Gil, Marta, Denise, André, entre tantos presentes e criadores no ateliê aberto da Tamarineira. Nessa montagem selecionamos conjuntos de criações de alguns (as) dos participantes, desejamos realizar uma cartografia das existências, uma homenagem às vidas loucas, uma construção de um monumento vivo. Aqui, em **Matéria e Materialização I e II**, a artista se mistura com essas vidas, os limites entre arte e vida, razão e não razão, arte e loucura se dilui.

**Minha Cabeça, Nossa Natureza** nasce de um convite que Christina Machado faz para um conjunto de artistas e usuários da tamarineira para a fazer sua cabeça (2009). Essa ação ocorrida dentro do Hospital Tamarineira visou a disponibilização para esses públicos de sua cabeça representada na reprodução de 60 cabeças de argila. Trabalharam nelas pacientes do Hospital Ulisses Pernambucano, estudantes e amigos artistas, a exemplo de Dantas Suassuna, Gil Vicente, Fernando Peres, Frederico Fonseca, Lula Wanderley, Márcio Almeida, José Paulo todos no mesmo espaço, atuando, por vezes simultaneamente, no período de uma semana (SPA das Artes).

A artista, que vivenciava a ação — ao mesmo tempo em que recolhia em memória, em imagem fotográfica e em vídeo as muitas maneiras de intervenções, gestualidades e apropriações que fizeram de sua imagem —, atualizava muitas questões sobre a relação entre arte e participação que podem ser vistas nessa instalação.

Revisitar, reviver, lembrar, reencantar tudo isso para realizar essa mostra após dez anos de sua primeira exibição foi um processo intenso para a artista Christina Machado. Presentificar o passado no presente e ressignificar os tempos dispersos de sua própria existência. Assim, diante de tantas sensações vividas nesse processo a artista cria — presente na identidade visual dessa exposição — uma nova visualidade para si mesma, reinventa ficcionalmente “seus eus”. Aliás, “seus eus” já eram tema de outra série de pintura, intitulada, Meus Eus, de 2012. Essa pesquisa e a escrita de si acompanha a poética da artista, uma relação intrínseca entre arte e vida se institui. Decorrente dessas investigações e utilizando dos quatro elementos da natureza, Água, Fogo, Terra, Ar, Christina Machado escolhe quatro imagens — que fizeram a sua cabeça — e aprofundaram sentimentos durante esse processo de curadoria (para Jampa) e se reinscreve novamente. Cada uma dessas imagens carrega a força desses quatro elementos, mas notemos bem o olhar de cada uma delas, talvez seja esse mesmo olho que nos vê possa, no horizonte maior, nos fortalecer para os novos dias que virão. Faça sua cabeça! Minha Cabeça, Nossa Natureza, nos convida para uma imersão em muitas vidas presentes/passadas.



*“Usei a natureza da minha poética mais a intimidade e conhecimento que tenho com a argila para interagir com esse público tão especial e ser um instrumento de realização desses mundos materializados através da cerâmica. Venho desenvolvendo trabalhos onde a “inclusão” passou a fazer parte da minha obra e na qual tenho a intenção de mostrar nessa exposição a partir desses trabalhos”*

Christina Machado, 2011.



## ÁGUA, FOGO, TERRA, AR:

*Por Christina Machado*

De forma metafórica quatro arquétipos se introduzem ao inconsciente e que através de conexões fluidas passam a ser parte dos sentidos existentes em mim. Para se chegar a eles, os arquétipos, intuitivamente retomo a série de 60 cabeças que deu origem ao título da exposição Minha Cabeça nossa Natureza em 2012. Esse trabalho feito de argila foi produzido tendo como base e matriz a minha cabeça com o artifício da fôrma de gesso. Depois ofereço-as para que pessoas interfiram por meio da proposição de uma ação participativa, chamando-as por meio do convite de “fazer minha cabeça”, e assim se inicia o processo de desconstrução da imagem, agora de barro, a partir do meu corpo/cabeça. Essa série, produzida por meio desta vivência colaborativa e coletiva realizada no Hospital Psiquiátrico Ulisses Pernambucano, conhecido como Tamarineira, foi exibida em uma exposição no Recife em 2012 anterior a essa de 2023 em João Pessoa. Na ocasião me permitiu entender, a partir da minha cabeça, as poéticas e as subjetividades de outros que se somavam ao meu eu. Os possíveis encontros com os arquétipos já se anunciavam.



## ENCONTROS COM OS ARQUÉTIPOS

O primeiro arquétipo é a da Guerreira Bárbara que traz a força feminina e a juventude, assim senti. Ela era eu mais jovem, por isso foi tão fácil nossa identificação por meio do olhar. Com ela veio o fogo e a cor vermelha como representação do bicho Tigre.

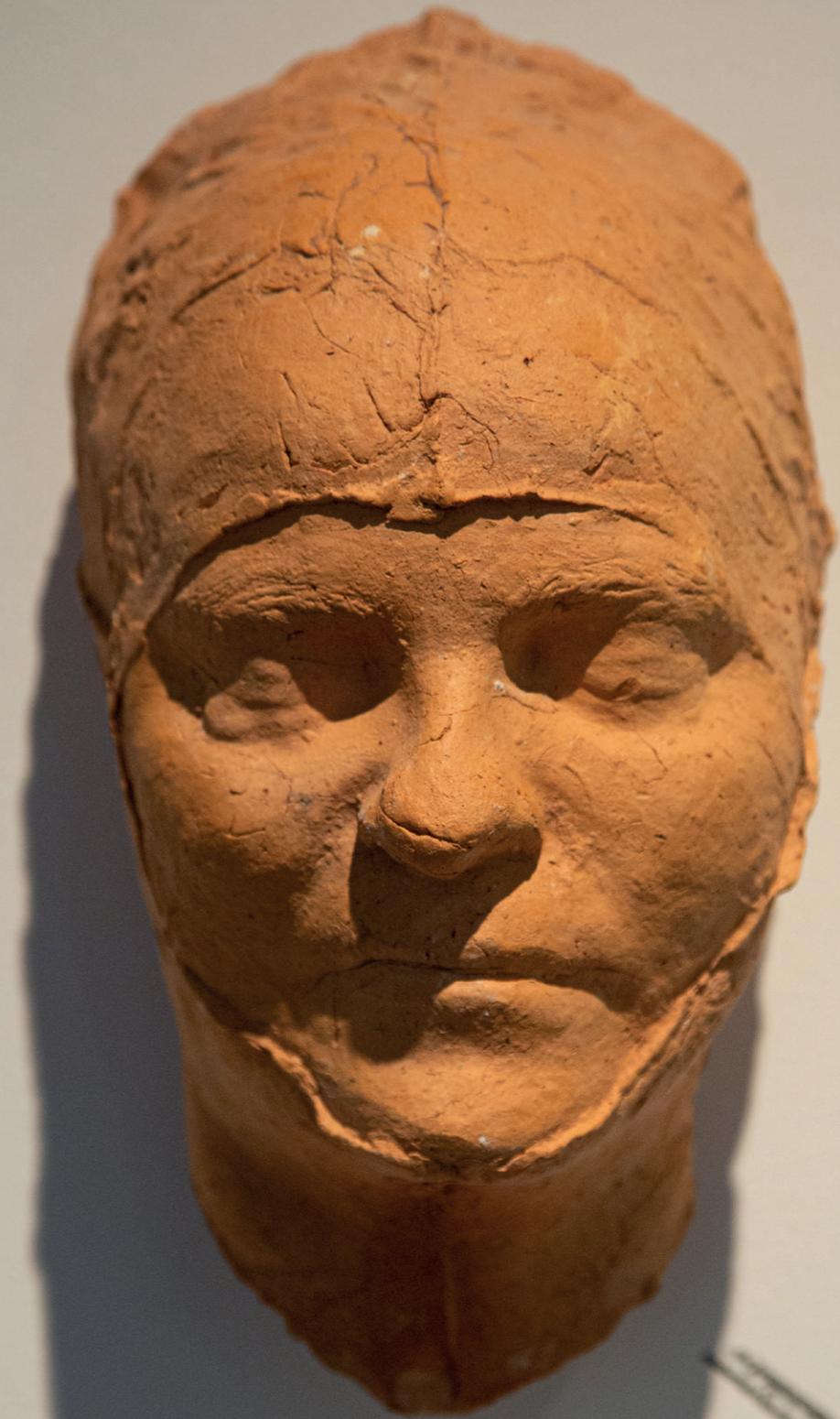
O encontro com o segundo arquétipo se deu através da ajuda técnica para modelagem dos olhos de uma das cabeças. Esse contato direto, cirúrgico, trouxe o inter cruzamento de olhares, o entrelaçamento entre um olho que vê e o outro que olha. Nessa medida, percebi que aquela cirurgia também cabia em mim. Um olhar para além, para o devir, para o longe que se desgarra do micro, assim, percebi a presença dela, da águia, onde o azul toma conta do ar.





O terceiro arquétipo aparece três anos após a vivência ocorrida na Tamarineira. É quando retomo às sessenta cabeças para a primeira exposição e acontece um episódio que considero muito singular e particularmente inusitado. Preciso contar essa história para que ela se torne crível e adquira estatuto de verdade. Estava dirigindo meu carro e por um instante vi e senti a força de um corpo de carne e osso através do retrovisor. No lugar da cabeça surgia uma das minhas de cerâmica. Ela vestia camisa branca de linho mangas três quartos e saia preta, estava de lado e olhava fixamente para mim. Era uma anciã, talvez uma sábia feiticeira, rezadeira, uma guardiã com a sabedoria das matas que traz a floresta e a água através da cor verde clorofila. Esse instante se materializou com toda força de se presentificar como um dado real para se tornar criação poética.

O quarto arquétipo é reconhecido onze anos depois, na segunda mostra da exposição em João Pessoa. A primeira das sessenta cabeças, a única que não sofre interferência de outras mãos, a intacta. Atribuo a essa cabeça a minha representação arquetipicamente vinculada ao elemento terra. Ela surge a partir do estudo feito para a identidade visual da exposição de João Pessoa quando fotografo minha cabeça para se juntar às outras três de cerâmica transformando-as em desenho, uma espécie de elaboração poética de um autorretrato. Os quatro elementos se encontram através do papel e se tornam a mesma natureza. Posteriormente, na instalação, as cabeças de cerâmica se transformam na obra *Água Terra Fogo Ar* (2023).





COLETIVO





## SÉRIE DA MATÉRIA À MATERIALIZAÇÃO I

Em 2009, artista inicia no Hospital Ulisses pernambucano (Tamarineira) uma proposta de manter semanalmente um Ateliê Residência Aberto aos usuários do hospital. Um espaço aberto a experiências estéticas, sensoriais e afetivas. Entre 2008 e 2012, a artista guardou, armazenou, aproximadamente mais de 1.500 objetos feitos em argila pelos (as) frequentadores do Ateliê Aberto. Ao retomar esses objetos, expandindo os sentidos e os olhares para a matéria e sua materialização, para as experiências vividas, os gestos impregnados nos objetos, para as histórias e as memórias como repertório de cada uma das peças feitas, a artista **Christina Machado** construiu uma obra aberta, um recorte ficcional dessas suas experiências e dos inúmeros rastros e vestígios daqueles corpos dissonantes, daquelas vidas que foram interditadas no aparelho hospitalar, com as quais a artista dividia seu espaço de criação.





**Christina Machado**, então, reuniu o diverso conjunto de peças produzidas pelos (as) usuários (as) priorizando suas autorias, isto é juntou e construiu um inventário biográfico – uma cartografia pessoal – singular, com peças feitas por pessoas que têm nomes, histórias, memórias e individualidades, entretanto, em um dado momento de suas vidas suas histórias e suas biografias se entrelaçam umas às outras, podendo sim, serem classificadas como um grupo de criadores (as) com histórias coletivas de uma população rotulada como louca.

A Série *Da Matéria à Materialização I* nessa versão exibida em João pessoa/ PB, carrega as experiências de criação de **Seu Luiz, Rilda, Adriano, Cristina, Eveli, Luciene Assunção, Luzia, João, Helena, Tacila, Genilda, Edinaldo, Angélica, Fátima, Ana, Francisco, Eliane, Gil, Marta, Denise, André**, entre tantos presentes/ausentes nessa instalação.



filho e mãe se conheceram no HUP.

JOSELITO / ANAMARIA

GILTON



MANOEL



QUANDO EU LHE VEU  
 SINTO AMOR E CARINHO  
 PERO QUE EU LHE VEU  
 FORA SIA DE MANOEL

---

QUANDO EU FICO PENSANDO  
 EU ME ANHO A MEDITAR  
 ME RESPONDA D QUE EU DIGO  
 ONDE QUE DUA VÓCE ESTA

---

A IMPORTANTE DESSA VIDA  
 E A SUA COMPANHIA  
 POR EU ESPERO ME LA  
 DE ANTE E DE DIA.

MANOEL SA. 27.7.11

EDIN



RUZINHA

MAURILIO GOMES

macaco  
aquele





## SÉRIE DA MATÉRIA À MATERIALIZAÇÃO II

*Da Matéria à Materialização II* inscrita no mesmo processo de criação da série *Da Matéria à Materialização I* - foi construída pela artista com base nos procedimentos de guarda, armazenamento dos objetos feitos pelos (as) participantes (as) da vivência no *Ateliê Aberto* na Tamarineira -, preservando sua integridade física e autoral por serem minimalistas e frágeis. Depois a artista, com rigor estético e afetivo, selecionou esses pequenos objetos, independentemente de autoria, e os incrustou em uma placa de barro, reparando-os em alguns casos quando necessário, sinalizando ausências e inserindo pigmentação vitrificada. Esse conjunto de trabalhos construídos por esses laços de confiabilidade, cuidado e respeito foram apresentados nesta exposição, em um conjunto resumido e unidos pelas similitudes de temas e questões estéticas apresentadas visualmente. Temáticas como animais, vida familiar, social, sexual à conjuntos que se aproximam e se conectam pela questão formal, exemplo, pela presença da geometria.



## MINHA CABEÇA, NOSSA NATUREZA

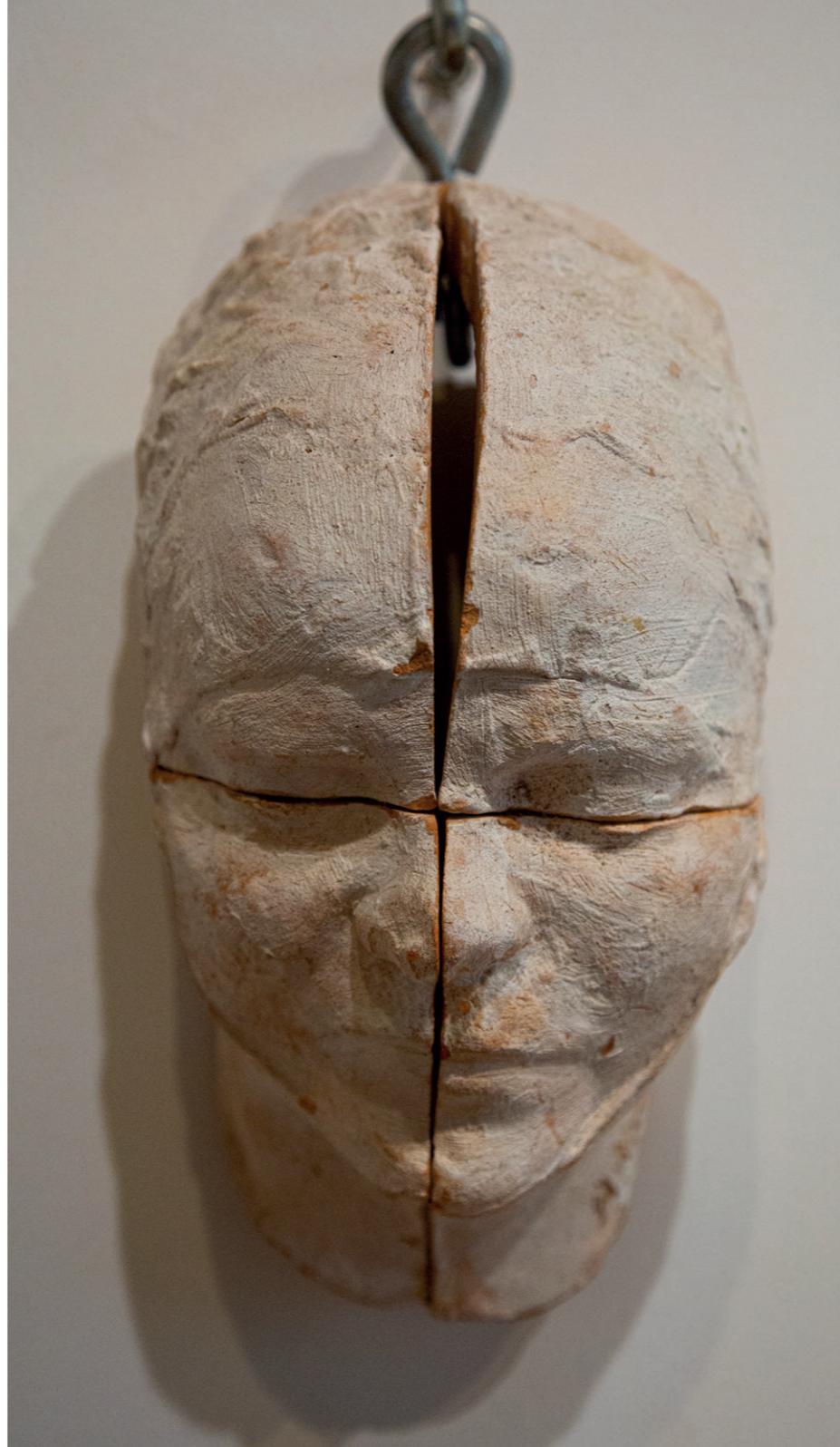
UM CONVITE A FAZER MINHA CABEÇA É O MOTE DESTE TRABALHO.  
CHRISTINA MACHADO, (2009).

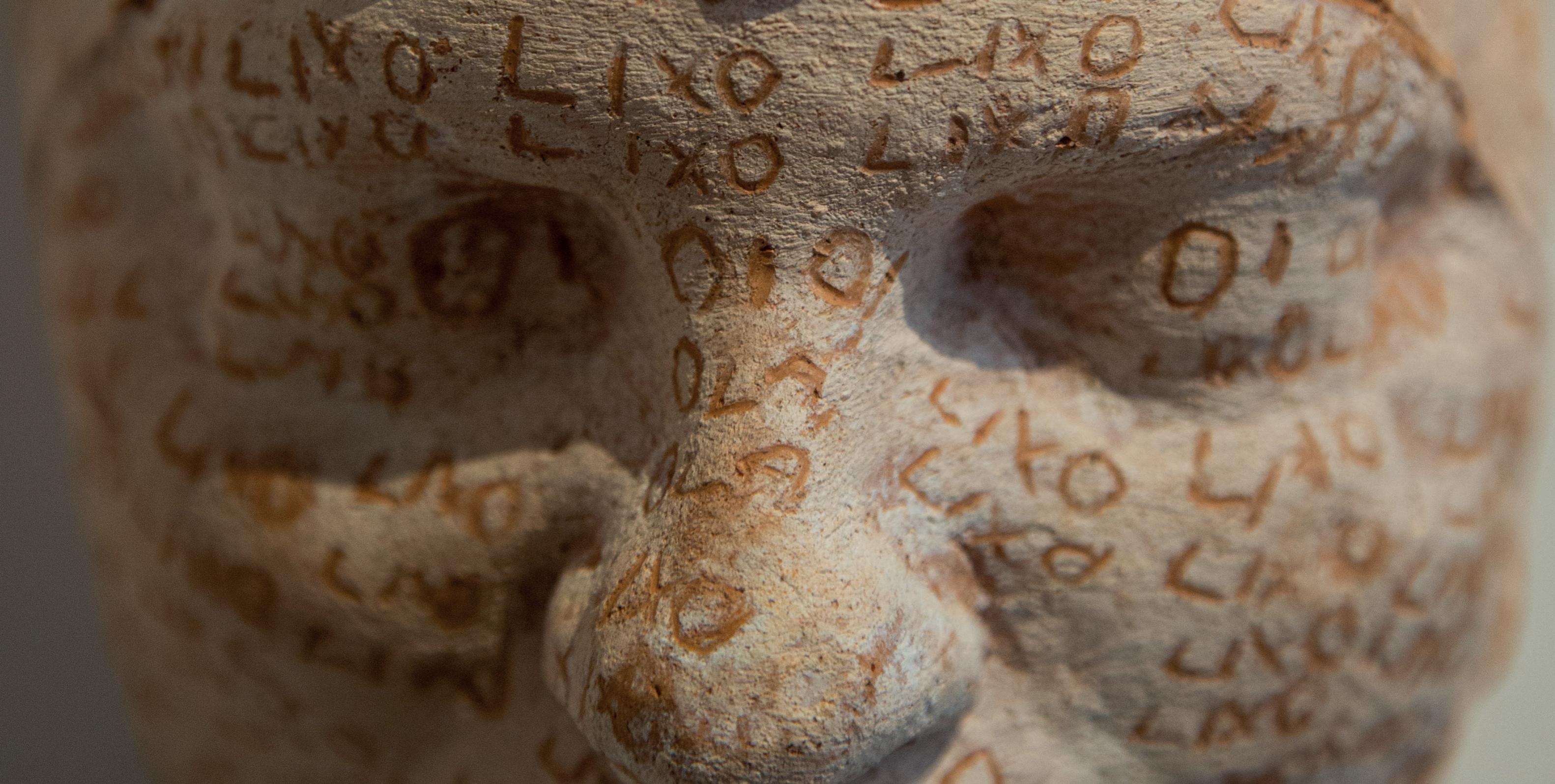
O corpo da artista havia sido moldado em fôrma de gesso no ano de 2004 para a realização do videoarte *Tempo de Carne e Osso*. De maneira emblemática, a artista também desconstrói, nessa mesma ação, o molde de seu corpo nas águas do mar, por meio de um gesto sensível e generoso, entregando para as águas sua imagem. Mais tarde, em 2009, no âmbito da Semana de Artes Visuais do Recife (SPA das Artes), ocupa o Hospital da Tamarineira e propõe um diálogo com o público disponibilizando a reprodução de 60 cabeças de argila, da mesma fôrma anteriormente moldada em 2004 para então haver novamente a desconstrução da imagem através do outro.



Trabalharam nelas pacientes do Hospital Ulysses Pernambucano, do Caps, estudantes e amigos artistas, a exemplo de Dantas Suassuna, Gil Vicente, Fernando Peres, Frederico Fonseca, José Paulo, Lula Wanderley, Márcio Almeida, Rinaldo Silva todos no mesmo espaço, atuando, por vezes simultaneamente, no período de uma semana. A artista, que vivenciava a ação — ao mesmo tempo em que recolhia em memória, em imagem fotográfica e em vídeo as muitas maneiras de intervenções, gestualidades e apropriações que fizeram de sua imagem —, atualizava muitas questões sobre a relação entre arte e participação que podem ser vistas nessa instalação.

Esse conjunto de sessenta cabeças foram organizados como uma instalação de parede. Suspensas, as cabeças, por um suporte de sustentação de rede presos à parede, como se descansassem, se revelam como registros de uma ação compartilhada e coletiva, um outro inventário da participação estética entre criadores e criadoras.







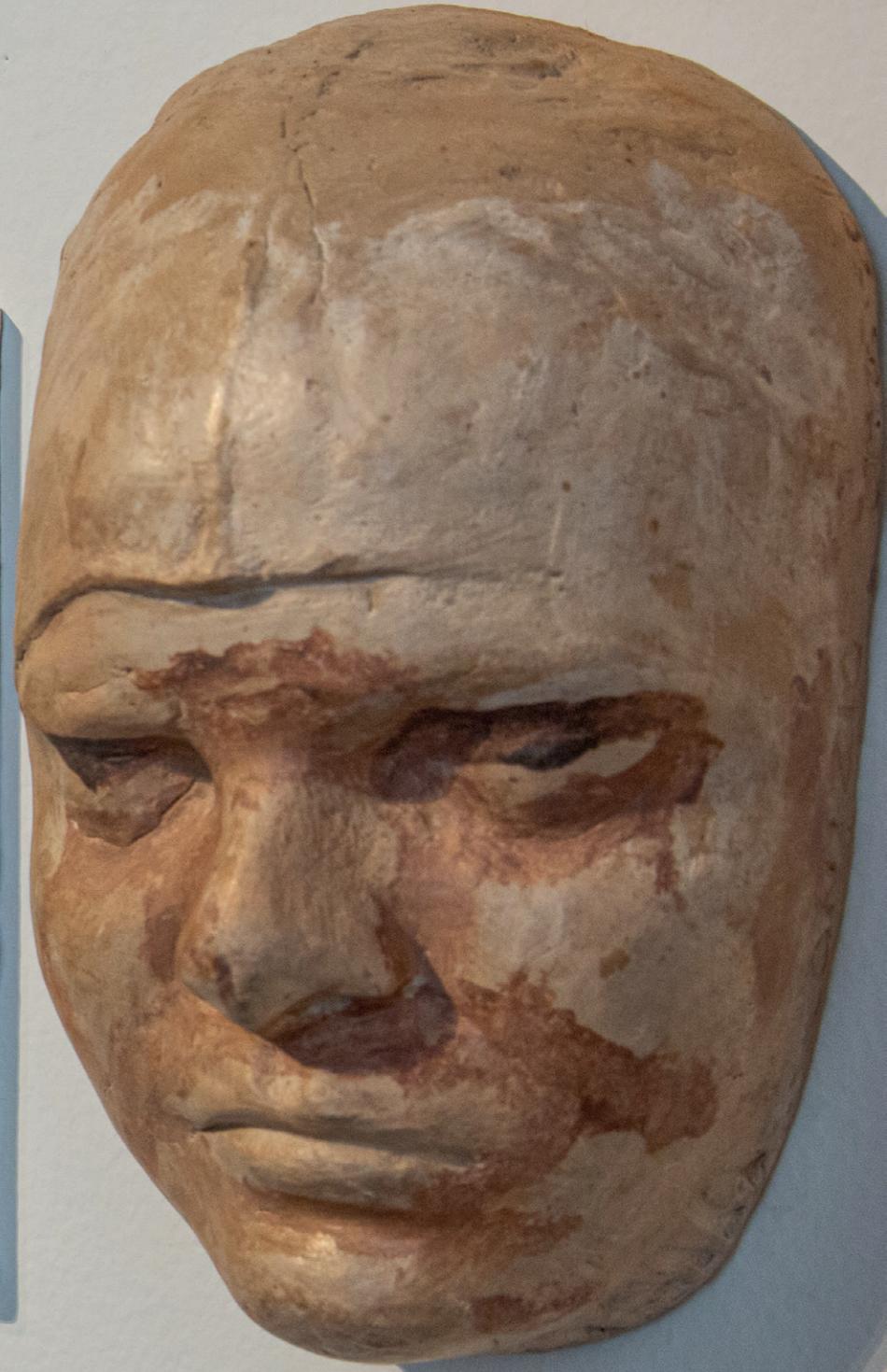
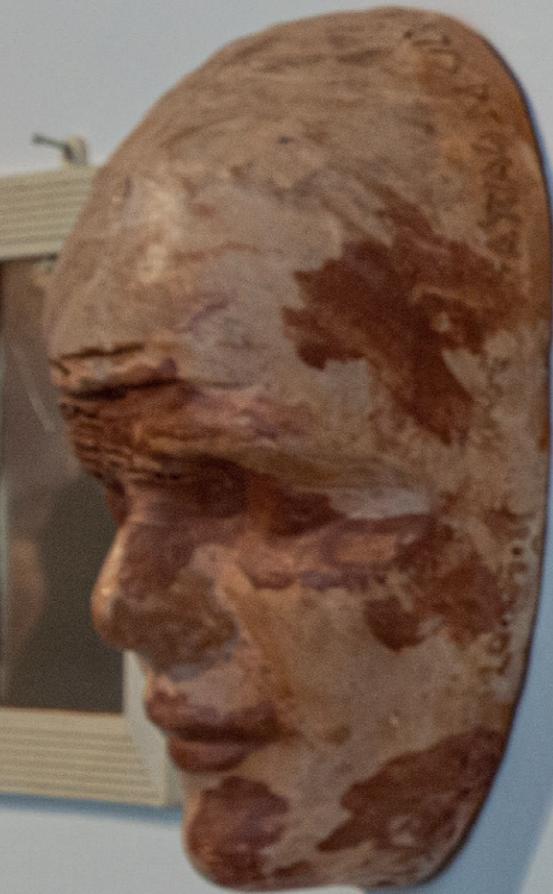
## SÉRIE ESTÂNCIA, SUA CASA

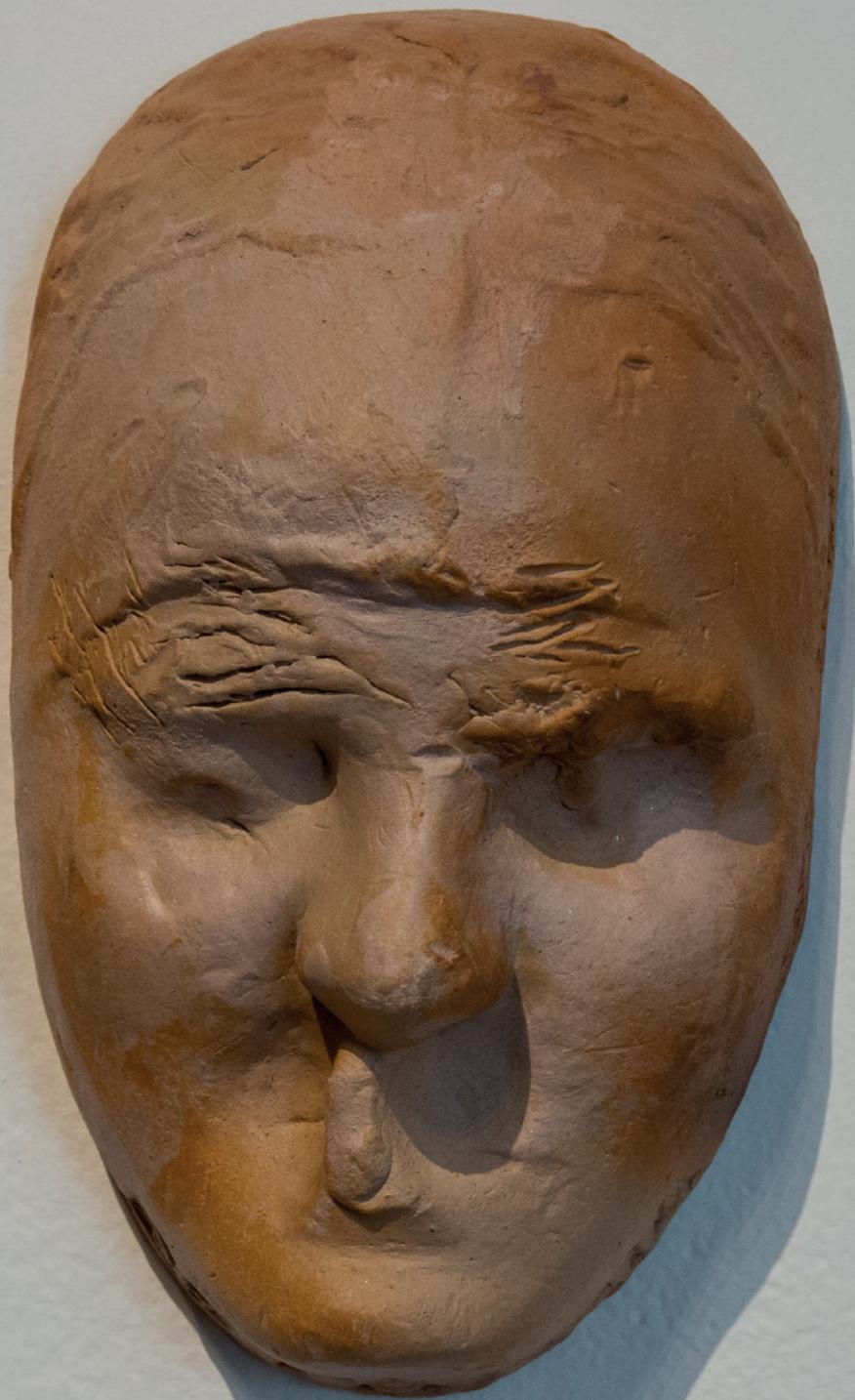
40 MÁSCARAS EM ARGILA, 2011

A série *Estância, sua Casa* formada pelo conjunto de quarenta máscaras em argila, foi realizada para serem usadas por pessoas no espaço público da Praça Cara Nova em Paracambi (RJ) durante o *Projeto Cinema na Praça*, coordenado pela psicanalista **Gina Ferreira** e com a participação do artista psicanalista **Lula Wanderley**. Mobilizada por esse convite em homenagem ao dia antimanicomial a artista **Christina Machado** inspirada pela produção das 60 cabeças constrói quarenta máscaras a partir de seu rosto para facilitar o deslocamento das peças para o Rio de Janeiro. Propõe uma intervenção pública priorizando o gesto criador do público, valorizando a mudança de lugar e o deslocamento entre público/participador, entre aqueles (as) considerados (as) normais e os (as) considerado (as) loucos (as) por ser uma cidade que acolhe várias residências terapêuticas. Bastava chegar para ser recebido com afetividade e aceitar o convite para uma experiência estética. O desejo de estar no espaço e usar a argila bastavam e se configuravam como detonador da ação. A oferta era a máscara e tudo acontecia com base na disposição de cada um. *"Experiência de vida para todos nós que estávamos ali, enriquecimento no meu trabalho e um momento de alívio para eles, esse é o meu sentimento"* (Christina Machado).

Com o retorno das quarenta máscaras para o ateliê da artista a série foi sendo composta com espelhos, entre uma máscara e o vazio, um espelho entrava para preencher com outros rostos, agora do público visitante da exposição que passam a interagir fazendo parte da composição da obra.







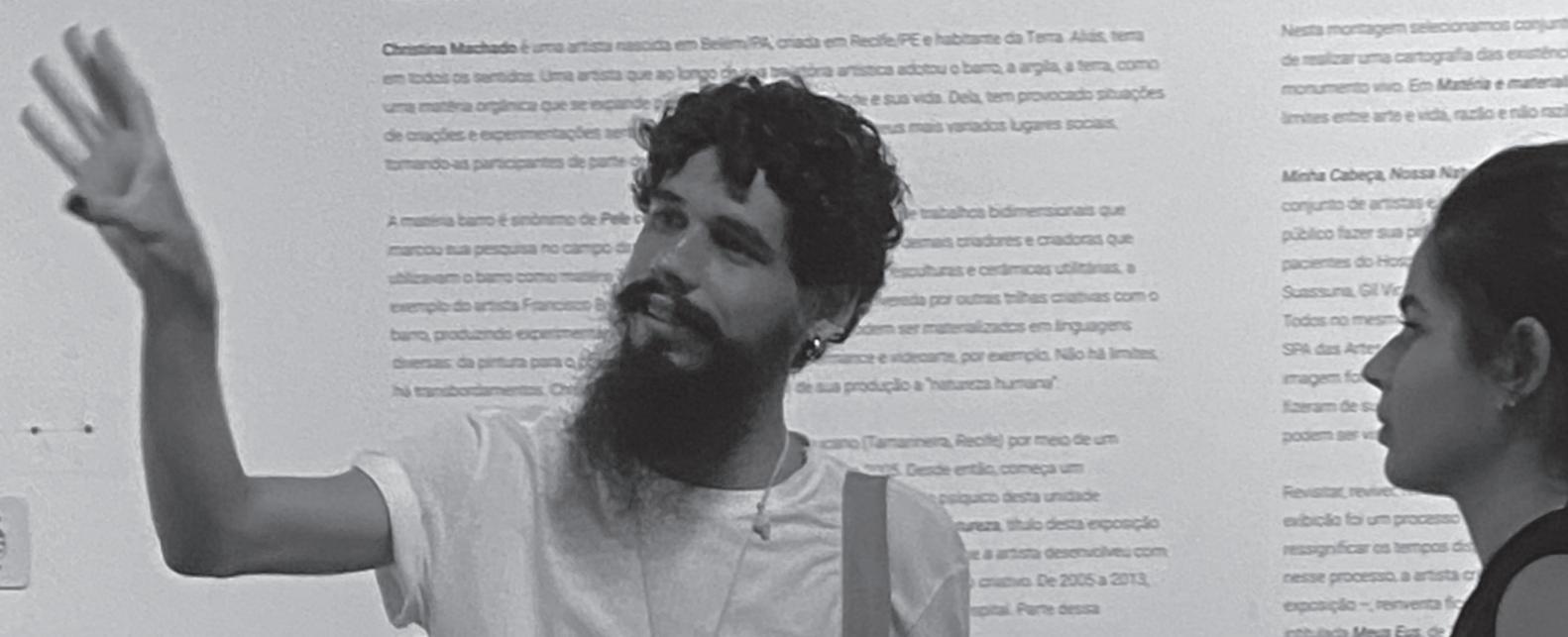


## MEDIAÇÃO AFETIVA DO ACOLHIMENTO À TROCAS DE SABERES E VIVÊNCIAS NOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS

*Por Renato Sancharro*

O que dizer de um mundo construído de barro, histórias e atravessamentos, um mundo sonhado e executado por grandes mulheres que fizeram e fazem desse projeto energia pura, viva e pulsante que se reverbera nos corações, virando poesia.

Com a proposta de uma mediação focada na afetividade, isto é, uma mediação afetiva, nomeio assim esse trabalho, oferecida e iniciada durante o mês de fevereiro e que durou trinta dias, pude oferecer acolhimento, sorrisos, histórias e meus ouvidos, como a artista Cristina Machado o fez em algum momento nas dependências do Hospital Psiquiátrico Ulisses Pernambucano, conhecido como Hospital da Tamarineira, em seu ateliê aberto onde a artista desenvolveu experimentações com o barro por aproximadamente oito anos. Sobre minha percepção e processos vividos posso relatar que me emocionei muitas vezes, a voz embargou em alguns momentos, arrepios e olhos marejados foram perceptíveis, lágrimas foram compartilhadas e foi possível dividir com os (as) visitantes momentos sagrados, no qual, a terra em nossos pés, o ar de nossos pulmões, o fogo dos nossos desejos e vontades e a água em nossos corpos, veias, suor e lágrimas fundiram-se em arte e eternidade, fazendo com que esses encontros e vivências atingissem potencialidades nunca imaginadas. É isto que chamo de meditação afetiva.



## OFICINA COM O BARRO “NOSSA PELE, NOSSO BARRO: VIVÊNCIA EM ARGILA E O UNIVERSO DA CERÂMICA”

Por Lucas Alves

Em alguns quilômetros da Parahyba, a exposição Minha Cabeça, Nossa Natureza se expande, percorre ruas, atravessa bairros. Os trabalhos de Christina Machado, imensos conjuntos em cerâmica, apresentados na galeria da Usina Cultural Energisa sensibilizaram o público de múltiplas maneiras, foram experiências singulares que pude ouvir nos relatos das pessoas que, tocados por aqueles objetos modelados a tantas mãos, chegaram no Laboratório de Cerâmica da Universidade Federal da Paraíba para também sentirem o barro, para se tornarem participantes. Ali, nesse segundo espaço, durante o período da mostra, aconteceu o meu projeto “Nossa Pele, Nosso Barro: vivência em argila e o universo da cerâmica”, o qual tive a oportunidade de desenvolver

para que o público experimentasse a matéria argila. A cada semana abríamos inscrições e era ministrada uma oficina, o que resultou em três turmas de nove participantes, a grande maioria nunca tinha tido contato com a prática da cerâmica.

Assim, por meio de proposições que ocorriam ao longo da tarde, estabeleci um momento inicial para que várias possibilidades de modelagem do barro pudessem ser experienciadas: modelagem com foco na respiração, modelagem construindo e desconstruindo a forma, modelagem percebendo o próprio corpo, modelagem a partir de sons. Os participantes respondiam às propostas através das mais variadas manifestações, estavam livres para se expressarem de qualquer maneira na relação com a matéria. Tudo era acolhido e partilhado, o que só se aprofundava cada vez mais no decorrer da oficina. Como vejo todo o projeto hoje se direciona para a possibilidade de ter instaurado um ambiente onde cada pessoa pôde utilizar a argila para mediar o seu contato com o mundo, que, naquele espaço, puderam trazer à tona o que se sente na pele cotidianamente. Isso pois, posterior aos exercícios práticos e ainda à mesa modelando livremente, compartilhamos uns com os outros aspectos de nossas trajetórias, a estrutura de nossas semanas, o nosso dia a dia. Nossos gostos e desgostos.

Elaboramos o que nos é comum. E, nesse sentido, o barro, talvez, absorveu um pouco do que há no interior de cada pessoa mantendo o que há de íntimo no mesmo lugar. Contudo, foi na coletividade dessa partilha que foi possível lançarmos um novo olhar para as nossas próprias realidades. Minha cabeça, Nossa Natureza e Nossa Pele, Nosso Barro se encontraram num movimento: da dimensão pessoal de cada um à coletiva.



**Christina Machado**, artista , tem a *argila* como sua aliada no trato com a arte e todas as suas formas de expressão, seja na pintura, escultura, performance, vídeo arte, vivências e tantas outras... não existe limite, ela entra no inconsciente e cria novos caminhos, novas possibilidades. Ativadora da criação através dessa matéria, Christina transita por diversos públicos dialogando com artistas, terapeutas, público em geral, e nessa troca de saberes, o encontro com a loucura, loucura que engloba todos nós.

Contatos:

(81) 9 9626.8989

[christinalmachado@gmail.com](mailto:christinalmachado@gmail.com)

## **PROJETO MINHA CABEÇA, NOSSA NATUREZA**

Coordenação **Christina Machado**

Curadoria **Joana D'Arc Lima**

Produção **Simone Luizines**

Cood. Financeira **Júlia Meira**

Projeto Educativo **Joana D'Arc Lima**

Educadores **Kerolainy dos Santos e Renato Sancharro**

Oficina com Barro **Lucas Alves dos Santos**

Projeto de Acessibilidade **COM Acessibilidades**

Montagem **Christina Machado, Everton David e Lucas Alves dos Santos**

Design Gráfico **Olívia Morim**

Sinalização **Uzsign**

Registro Fotográfico **Roberta Guimarães**

Agradecimentos **Cristina Mendonça, Dyógenes Chaves, Everaldo Soares Júnior,**

**Robson Xavier, Rosilda Sá e LABORATÓRIO DE CERÂMICA,**

**do Departamento de Artes Visuais, do Centro de Comunicação,**

**Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba.**

## **USINA CULTURAL ENERGISA**

Diretor-presidente da Energisa Paraíba **Márcio Mário Zidan**

Coordenação de Investimento Social do Grupo Energisa **Delania Azevedo Cavalcante**

Gerência de Sustentabilidade - Usina Energisa **José Moura Júnior**

Curador do projeto Ocupação Usina de Artes Visuais **Dyógenes Chaves**



## **CATÁLOGO**

**Minha Cabeça, nossa natureza**

**ISBN 978-65-00-86592-9**

Organizador **Maria Christina de Lucena Machado**

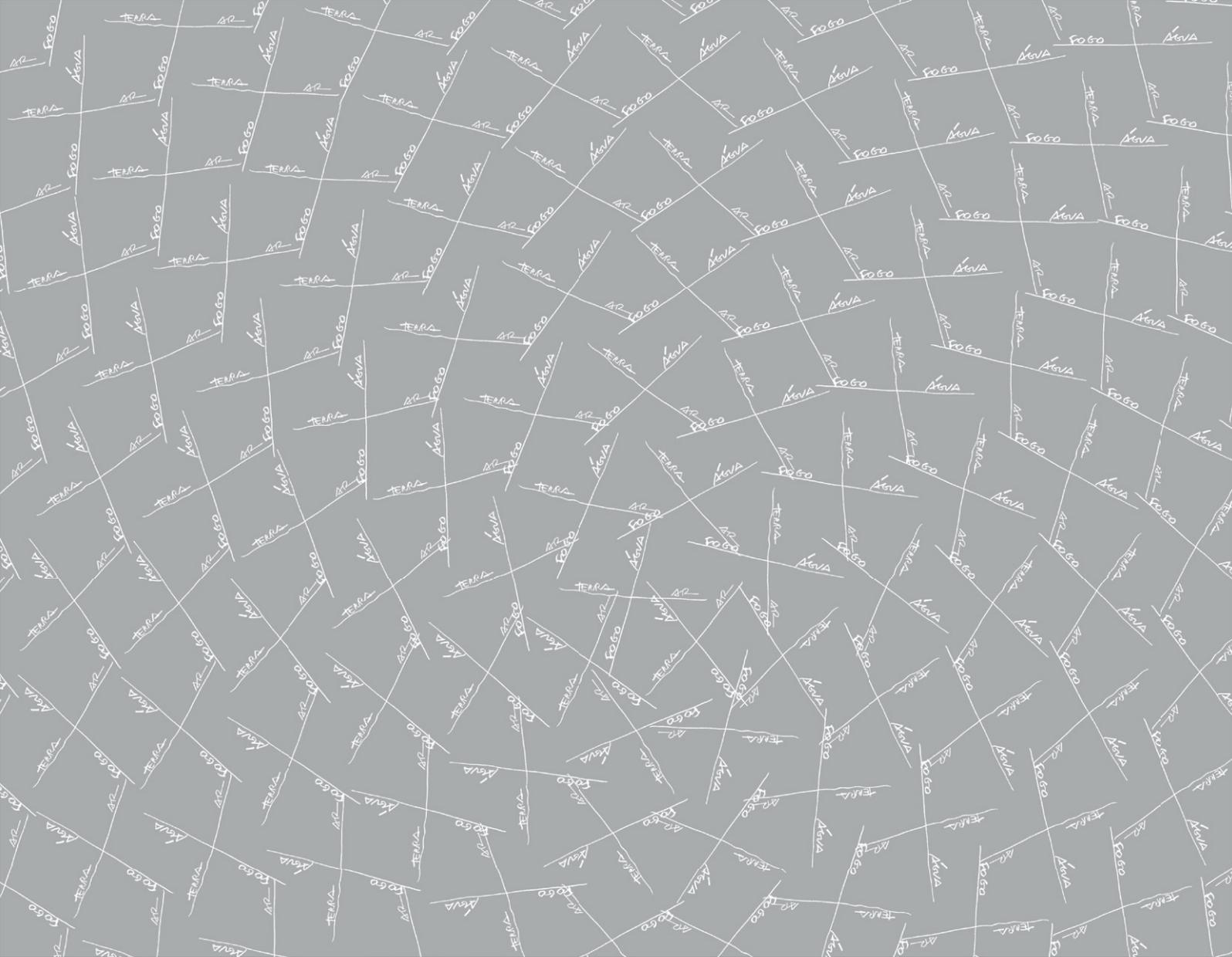
Autores **Joana D'Arc de Sousa Lima, Lucas Alves,**

**Maria Christina de Lucena Machado, Renato Sancharro**

Supervisor **Simone Ferreira Luizines**

Fotógrafa **Roberta Guimarães**

Projeto Gráfico **Olívia Morim**



Secretaria  
de Cultura



GOVERNO DE  
**PERNAMBUCO**  
ESTADO DE MUDANÇA